

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 12

Data: 24 de Agosto de 1986

Pg.: _____

Com apoio de branco, índio espera ter sua bancada na Constituinte

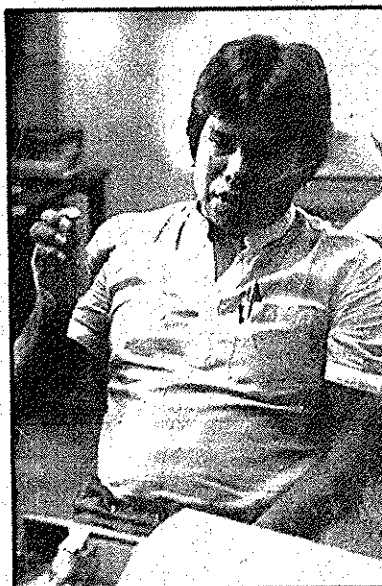
BRASÍLIA — A bancada de representantes das comunidades indígenas no Congresso Nacional poderá sofrer um sensível aumento em novembro: cinco índios tentarão se unir ao pioneiro Mário Juruna, que tenta a reeleição pelo PDT do Rio de Janeiro. Dificilmente, porém, eles atuarão como um bloco. Mesmo antes da eleição, já trocam farpas, algumas venenosas. Juruna se refere a eles como um grupo que “foi criado comendo leite e biscoito”, por causa da formação escolar (alguns são universitários).

Eles respeitam o trabalho de Juruna, mas incluem em suas lutas a preocupação de não se transformarem em “peças folclóricas”, como algumas vezes ocorreu com o primeiro cacique que se elegeu deputado.

— Queremos evitar que alguém se torne um Touro Sentado, o maior líder de oposição ao Governo americano, que, no final da vida, se transformou em palhaço de circo — diz Marcos Terena, candidato pelo PDT do Distrito Federal.

O fato de não terem o aval de Juruna não desestimulou os outros índios que também querem trazer sua voz para a Assembléia Nacional Constituinte: Idjarruri Karajá (PMDB-GO), Biraci Iauanaua (PT-AC), Alvaro Tucano (PT-AM) e Davi Ianomami (PT-RR).

Esses índios são ligados à União das Nações Indígenas e têm, segundo Marcos Terena, que é assessor do Ministério da Cultura, um “tripé de apoio” — Megaron Txucarramae, Diretor do Parque Xingu, Paiacan Caiapó, Assessor da Funai no Pará, e Ianaculá Camaurá, Chefe de Gabi-



Idjarruri: pelo controle da terra

nete da Funai.

Juruna vai ao ataque:

— E tudo funcionário público, não olha o partido que está disputando, parece macaco pulando de galho. Índio não pode brincar, tem que levar muito a sério a opinião pública, que vai perguntar: esse índio tá louco?

Os índios candidatos evitam polemizar com Juruna. Preferem elogiar o pioneirismo dele, como Idjarruri, para quem o deputado teve uma participação importante para a história do índio brasileiro porque ele foi o primeiro a quebrar o tabu. “Todos nós apoiamos sua candidatura, trabalhamos por ele. Acredito que isso trouxe à tona a questão indígena, abrindo caminho para uma participação mais ampla dos índios na vida

política brasileira”, afirma.

Apenas Tucano arrisca uma crítica mais direta, dizendo que Juruna “está um pouco afastado da realidade e não está sendo apoiado pelos povos indígenas”, embora afirme que, se reeleito, “Juruna será um grande companheiro”.

Mais do que discutir a figura de Juruna, os índios preferem falar de suas propostas. Terena Lembra, por exemplo, o compromisso dos candidatos com os índios classificados pela Funai como arredios, “os selvagens, os que perambulam pela Amazônia, que nunca viram um branco e que não se sabe quantos são”.

— Para esses, precisamos abrir espaço, para que participem do processo social, político e econômico do País. A problemática das comunidades não é única, com exceção da questão da terra. Por não entender isso é que a Funai não acerta — diz.

Fundamental, na opinião desse grupo de índios, é a questão da terra. Segundo Idjarruri Karajá, apenas dez por cento dela foram demarcados.

— Para nós, a terra representa a nossa cultura e nossas tradições milenares. Não queremos ver a terra explorada por terceiros. Se é para ser explorada, deve ser pelos índios — afirma.

Segundo Idjarruri, o Governo tem vendido uma imagem sobre essa questão que não corresponde à realidade. Na verdade, afirma, “a terra em que o índio mora é um bem alienado à União e, assim, o índio não passa de um posseiro camuflado”.